

Finados: conheça algumas espécies que já não existem mais

Categories : [Salada Verde](#)

A civilização ocidental escolheu o dia 2 de novembro para lembrar seus mortos. A tradição é anterior a Idade Média, mas a fixação da data ocorreu no século XI, imposta pela Igreja Católica. Todos os anos, milhares de pessoas vão aos cemitérios entregarem flores para os seus.

Criado com a missão de ser a voz de quem não tem voz, ((o))eco apresenta neste dia dos mortos algumas espécies da Fauna que já não existem mais. Ao contrário dos humanos, em que a vida individual é considerada sagrada, quando se trata de animais o que é considerado grave é a extinção de toda uma espécie, normalmente por pressão da caça e da extinção de seu habitat. Nesse dia dos mortos, homenageamos estes:

Corujinha caburé-de-pernambuco (*Glaucidium mooreorum*)

A corujinha caburé-de-pernambuco (*Glaucidium mooreorum*) está extinta na natureza. A espécie é endêmica da Mata Atlântica nordestina. Segundo os pesquisadores, há anos não ocorrem registros oficiais de visualização da corujinha na natureza. O último registro foi feito há 24 anos.

A espécie vivia em uma faixa de Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco que abrange áreas de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Conhecida pelo sugestivo nome de Centro de Endemismo Pernambucano (CPE), trata-se de uma faixa onde ocorrem centenas de espécies endêmicas -- que só são encontradas ali. De acordo com estimativas, o CPE possui 434 espécies, sendo 26 aves endêmicas da região.

Perereca (*Phrynomedusa fimbriata*)

Endêmica do Brasil, a *Phrynomedusa fimbriata* foi coletada pela primeira vez em 1896 no Alto da Serra de Paranapiacaba, no município de Santo André, no estado de São Paulo. Descrita 27 anos depois, a espécie não foi mais encontrada após isso. Por essas razões, *Phrynomedusa fimbriata* está na lista vermelha da fauna brasileira ameaçada de extinção avaliada como Extinta (EX).

Maçarico-esquimó (*Numenius borealis*)

Maçarico-esquimó foi abundante até o século XIX. A caça e a destruição das pradarias norte-americanas e dos Pampas na América do Sul reduziram a população da espécie, que já não é vista desde 1992 e por isso, a espécie é considerada extinta.

Segundo o [Wikiaves](#), esta ave alimentava-se de pequenos invertebrados que capturavam na lama e no sedimento dos estuários e corpos d'água das áreas que utilizavam durante o período de migração.

Arara-azul-pequena (*Sturnella defilippii*)

A arara-azul-pequena ([Anodorhynchus glaucus](#)) não é vista a mais de 80 anos e não se tem notícias de existam espécimes em cativeiro, e por isso é considerada extinta. Encontrada nas bacias dos rios Paraná e Uruguai, na Argentina, Paraguai, Uruguai e sul do Brasil, era parente da arara-azul-grande e da arara-azul-de-lear. A arara-azul-pequena é a menor representante do gênero *Anodorhynchus* com 69 centímetros de comprimento

Peito-vermelho-grande (*Sturnella defilippii*)

Peito-vermelho-grande é uma ave da ordem dos Passeriformes da família *Icteridae*. Há mais de 100 anos, a espécie era amplamente distribuída no leste da Argentina e Uruguai e no Brasil. Os últimos registros no território nacional ocorreram há mais de 70 anos no Rio Grande do Sul, de modo que ela é considerada extinta no Brasil.

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27904-entenda-a-classificacao-da-lista-vermelha-da-iucn/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/27337-iucn-atualiza-lista-de-especies-ameacadas-de-extincao/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/ate-2020-67-das-especies-de-vertebrados-podera-deixar-de-existir/>